

Andarilhar para pensar a docência desde outros lugares

Wandering to think teaching from other places

FRANCIELI REGINA GARLET¹

MARILDA OLIVEIRA DE OLIVEIRA²

RESUMO: Este artigo apresenta alguns aspectos de uma experimentação em linhas de escrita sobre a docência a partir de um modo de pesquisa andarilho, em que o pesquisador, ao longo de suas andanças, recolhe coisas, perambula por ‘entre’ o instituído, sem se fixar. Articulado a esta concepção, pensamos o espaço liso, onde o pesquisador andarilho ganha velocidade, e o espaço estriado, que procura contê-lo. Com isso, buscamos pensar a docência a partir de elementos (poesias, narrativas, fotografias e experimentações artísticas) recolhidos em nossas andarilhagens pelas pesquisas, experimentados a partir do que desapareceram em nós, pegos pelos seus vazios que intentam ser mais habitados que preenchidos; uma docência na qual é possível manter ou cavar um vazio que se possa habitar de diferentes maneiras, através do encontro com o outro.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisar andarilho; espaço liso; espaço estriado; docência.

ABSTRACT: In this article, we present what we have overflowed in writing about teaching through a type of research we call wanderer. We understand the wandering researcher as the one who walks, collects things as he/she wanders, and perambulates ‘between’ what is instituted and what has no fixed address. Within this conception we think a smooth

1. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil

2. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil

space where the wandering researcher speeds, and a striated one which restrains him/her (Deleuze; Guattari, 1997). We aim at thinking the teaching process from elements (poetry, narratives, photographs, and art experiments) which we have collected along our wanderings in the research, elements experienced through what is thrown at us, taken by their empty spaces, which are intended to be more inhabited than fulfilled. Thus, we aim at thinking a teaching process in which maintaining or digging an empty space is possible so that we can inhabit it in different ways through the meeting with the other.

KEYWORDS: Wandering research; smooth space; striated space; teaching.

INTRODUÇÃO

Este artigo, que brotou a partir de nossas leituras e pesquisas no mestrado e doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (PPGE/UFSM), diz de um modo de pesquisa que denominamos andarilho. Nele, entendemos o pesquisador como aquele que anda, que recolhe coisas nos caminhos que percorre, que se desfaz delas ou que as perde pelo caminho, que não tem uma moradia fixa, que faz de outros lugares moradas provisórias ou fictícias.

Como pesquisadoras andarilhas, recolhemos de nossas vivências alguns elementos que nos foram solicitados pelas leituras que vínhamos fazendo na pós-graduação, especificamente aquelas que dizem respeito às obras do filósofo francês Gilles Deleuze, algumas produzidas em conjunto com Félix Guattari, psicanalista francês. Estes elementos recolhidos por nós – poesias, fotografias, experimentações artísticas, lembranças de infância – agem como disparadores que forçam nosso pensamento a pensar a docência, fazendo, assim, com que ele andarilhe, ganhe velocidade em direções que ainda não havíamos experimentado.

Este pesquisar andarilho, que nos escolheu e nos abraçou, foi se esboçando a partir de algumas questões que o próprio pesquisar nos colocava: como dar conta do emaranhado que se faz na superfície de uma pesquisa? Deste transbordamento³ que não é pautado em procedimentos bem cimentados ou métodos a serem seguidos à risca e que exige, a cada momento, outras ferramentas para lidar com ele? O que fazer quando nos inventamos andarilhos e quando toda morada parece fixa demais para dar conta destes transbordamentos que nos encantam? Como

3. Chamamos de transbordamentos aquilo que cresce sem supervisão, que se espalha, vaza e provoca o instituído, fixo e ordenado.

explicar que não há um método para transbordar, e que estes transbordamentos também não acontecem por simples acaso? Como torná-los visíveis, sem imitá-los ou representá-los? Como lhes permitir um escoamento através da visibilidade que damos a eles?

A necessidade que se esboçou a partir destes questionamentos veio da busca em fazer da pesquisa uma aventura, de produzi-la a partir das andanças realizadas, ao mesmo tempo em que se cortava o emaranhado que se instalava em sua superfície. Intentamos tornar visíveis esses cortes, a partir da apropriação da morada provisória que é esta escrita, pois sabemos que depois dela outros serão necessários, uma vez que o emaranhado não para de crescer e transbordar, incitando outras aventuras, a produção de outras moradias e de maneiras singulares de habitá-las.

Na vizinhança destas questões, que dizem respeito ao modo de produzir pesquisa, fomos movidas também por uma problemática que diz respeito à docência: como varrer a figuração docente e fazer surgir dela outras naturezas diferentes, que intervenham no que é costumeiro e o façam transbordar em outras direções? Esta figuração docente é entendida aqui como o que estamos acostumados a ver, ouvir, fazer, pensar com relação à docência, ou seja, estratos com os quais vamo-nos endurecendo, nos fixando, nos acomodando, discursos e práticas que repetimos sem problematizar, sempre da mesma maneira.

SOBRE UM MODO DE PESQUISA ANDARILHO...



Figura 1 - Fotografia de casa abandonada (Val de Buia – RS – Brasil), 2011.

Fonte: Acervo pessoal.

Descobri aos 13 anos que o que me dava prazer nas
leituras não era a beleza das frases, mas a doença delas.
Comuniquei ao Padre Ezequiel, um meu Preceptor, esse gosto esquisito.
Eu pensava que fosse um sujeito escaleno.
- Gostar de fazer defeitos nas frases é muito saudável, o Padre me disse.
Ele fez um limpaimento em meus receios.
O Padre falou ainda: Manoel, isso não é doença,
pode muito que você carregue para o resto da vida um certo gosto por nada...
e se riu.
Você não é de bugre? – ele continuou.
Que sim, eu respondi.
Veja que bugre só pega por desvios, não anda em estradas –
Pois é nos desvios que encontra as melhores surpresas e os arituncos maduros.
Há que saber errar bem o seu idioma.
Esse Padre Ezequiel foi meu primeiro professor de gramática.
MANUEL DE BARROS

O “gosto por nada” tomou nosso corpo, e os desvios disparavam o desejo de continuar a andar, de estar à espreita das surpresas e dos encontros que os ‘nada’ pudessem provocar. Víamos os ‘nada’ ‘cheios’, prenhes de possibilidades, à espera de conexões que lhes permitissem vazar por ‘entre’ todas as coisas ditas ‘importantes’, que geralmente dizem o que fazer ou garantem que algo ‘é’. A docência está tão cheia de ‘tudo’ que resolvemos nos aventurar nos nada, nos vazios⁴, para que respirar fosse possível... Para que inventar fosse possível...

Vitalino foi um desses ‘nada’ prenhes de possibilidades. Era um andarilho que visitava as casas de algumas das comunidades rurais pertencentes ao município de Nova Palma, no Rio Grande do Sul. Ele passava seus dias a caminhar pelas estradas de terra, recolhendo gravetos e retirando pedras grandes do caminho, e pedindo, nas casas onde parava, fogo para o cigarro, comida, e pousos para passar a noite. Muitos o consideravam louco, e diziam que não falava coisa com coisa. A partir desta narrativa sobre o andarilho Vitalino, esboçamos o que denominamos ‘pesquisar andarilho’.

4. O vazio é entendido aqui, a partir de Sandra Corazza (2007), como um lugar onde é possível “conhecer e enunciar” (p. 110). Um lugar ‘entre’ o já enunciado, o já visível, onde é possível pensar, dar vazão ao pensamento, deixando-o escapar e esticar-se até produzir consigo o impensável, o não visível, o ainda não enunciado.

Nesta pesquisa, o andarilho é pensado como aquele que anda, que recolhe coisas pelo caminho, se desfaz delas ou as perde, como aquele que não tem moradia fixa, ou a tem, mas faz de outros lugares moradas provisórias ou fictícias. O andarilho é ainda um louco, aquele que foge aos padrões e que, por ser assim, perambula ‘entre’, no ‘meio’ do instituído, e embora faça paradas, é aquele que não se fixa. Para o andarilho, o antes ou depois (ponto de partida, ponto de chegada) não tem muita importância, pois as aventuras acontecem no ‘meio’, acompanhando as movimentações que se produzem no percurso, a partir da invenção e diluição de certezas.

Ao recolher coisas pelo caminho que produz, e se desfazer delas mais adiante (muitas vezes sem perceber), o andarilho vai se reinventando e se abre para que outras coisas se produzam nele no decorrer de sua caminhada. Vai incorporando também, conforme as solicitações presentes, outras ferramentas para produzir seus caminhos. É como andarilhas que experimentamos e produzimos pesquisa, rastreando afetos na superfície emaranhada que atravessa nossos caminhos. Afinal,

[...] não seria antes provável que justamente o que é mais superficial e exterior da existência – o que ela tem de mais aparente, sua sensualização, sua pele – fosse a primeira a se deixar apreender? Ou talvez a única coisa? (NIETZSCHE apud PAULON; ROMAGNÓLI, 2010, p. 93).

Produzimo-nos no processo. Produzimos cartografias e as redesenhamos infinitas vezes, pois os caminhos pelos quais retornamos a um ponto já não são os mesmos que havíamos demarcado. Nós já não somos as mesmas de antes. Podemos apresentar nossos mapeamentos mais recentes, mas eles não passam de pedaços do meio, pedaços daquilo que cresceu na superfície sinuosa que experimentamos, pedaços pegos pelo meio, que não apresentam um início e um fim, mas sim várias pontas pelas quais podem escapar ou se conectar a outras possibilidades.

Como andarilhas na pesquisa, pensamos que a docência pode ser mapeada não só a partir dos espaços onde ela se constitui enquanto tal, mas também a partir de outras vivências desconexas que se emaranham e transbordam nela. O que nos incita a pensar a docência, como mencionamos anteriormente, são alguns ‘nadas’, alguns ‘vazios’ cheios de coisas por fazer, prenhes de possibilidades.

Esse vazio, esse nada, esse espaço sem fronteiras, pode ser entendido também como o que Deleuze e Guattari (1997) definem como espaço liso. Esse espaço, segundo os autores, seria um espaço nômade onde o pensamento ganha velocidade. O

espaço estriado, ao contrário, seria um espaço sedentário, onde o pensamento se dá a partir de uma organização. Embora apresentem uma diferença de natureza, estes dois espaços não param de provocar um ao outro, de produzir um ao outro. Mas os movimentos pelos quais ambos procuram se manter são diferentes: enquanto o espaço estriado esforça-se em capturar o liso, o espaço liso busca se dissolver no estriado. O primeiro se empenha em conter o segundo, colocá-lo em ordem, e o segundo procura fendas para vazar no primeiro, para desterritorializá-lo.

No espaço estriado, o trajeto subordina-se aos pontos (vai-se de um ponto a outro); no espaço liso, os pontos são subordinados ao trajeto (DELEUZE; GUATTARI, 1997). Se o andarilho habita um espaço nômade, um espaço liso, sua casa subordina-se ao percurso, ele não volta para sua casa natal para passar a noite (ele se esquece que possui uma casa, ou talvez já nem a tenha), mas, sim, pousa em algum ponto do caminho, e também não parte de um objetivo inicial: é “o trajeto que provoca a parada” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 185), e não o contrário. No espaço liso não há pontos de referência, nem um roteiro a ser seguido, o caminhar produz o andarilho ao mesmo tempo em que o andarilho o produz.

Segundo Deleuze e Guattari (1997, p. 185), “o que ocupa o espaço liso são as intensidades, os ventos e ruídos, as forças e as qualidades táteis e sonoras [...] O que cobre o espaço estriado, ao contrário, é o céu como medida, e as qualidades visuais mensuráveis que derivam dele”. Neste último, o andarilho pode se localizar segundo pontos de referência, o espaço é organizado para que ele possa usufruir destes pontos. No espaço liso já não há localização, o andar é local, mas não localizável; o andar se produz nas intensidades e não decalca um percurso definido por um mapa com pontos espaciais de referência.

Ao contrário do que comumente pensamos, o nômade não se dá apenas no movimento físico no espaço, pois ele tem a pausa também como parte do processo. Como mencionam Deleuze e Guattari (1997, p. 189), “por mais que não se movam, não migrem, são nômades por manterem um espaço liso que se recusam a abandonar”. Para ser nômade, não basta se locomover, é necessário manter um espaço liso no qual o pensamento possa se movimentar, um espaço aberto, sem fronteiras ou organizações; um espaço de exterioridade desprendido da universalidade.

O espaço liso ou nômade é marcado apenas por ‘traços’ que se apagam e se deslocam com o trajeto, situando-se entre os espaços estriados, que tentam limitá-lo opondo-se ao seu desenvolvimento. O espaço liso se volta contra o estriado e nele procura vazar e transbordar, é nele que ele procura vazar e transbordar.

Intentamos assim, nesta pesquisa, habitar um espaço liso, vazio, um nada preenhe de possibilidades. Recolher as cintilâncias⁵ produzidas no caminhar, à espreita de encontros, disparos que os espaços vazios pudessem proporcionar. Transbordar uma docência estriada, varrer suas figurações, para que surjam dela outras possibilidades.

SOBRE AQUILO QUE DISPARA ANDARILHAGENS...

Os elementos que trazemos para pensar a docência são pensados não como algo que vem para ilustrar nossa escrita ou para explicá-la, mas sim como disparadores, como algo que violenta nosso pensamento forçando-o a pensar (LEVY, 2011). Não tencionamos, aqui, falar deles, mas com eles, de modo que espaços vazios também sejam possíveis, onde o leitor possa, ele também, experimentar e produzir singularmente outras relações e possibilidades. São vazios que não pretendem ser preenchidos, apenas habitados por quem tiver interesse em experimentá-los (ou for arrastado para experimentá-los), numa conexão com o que lhe toca, encanta ou incomoda, com o que lhe movimenta e lhe incita a andarilhar e a produzir outras possibilidades. Recolhemos cintilâncias, interessadas no que elas podem disparar. Interessa-nos sua parte vazia, a parte que se inaugura no que o encontro singular com o outro produz.

DAS CINTILÂNCIAS...

Em meio à andarilhagem houve paradas, solicitadas pelo próprio caminhar, para recolher as cintilâncias que se produziam no caminho com nosso movimento, e que nos disparavam em outras direções, nos provocando a pensar a docência e o próprio fazer pesquisa.

Este termo, cintilância, é pensado aqui como um já dito, um já visto que cintila em outras relações, outras maneiras de ser visto e dito. Cherem (2009) aborda o termo cintilância para pensar a obra de arte como acontecimento, como uma imagem que não permanece ligada à sua origem, mas se mantém sujeita a outros agenciamentos, outras recombinações nos tempos e espaços nos quais emerge. A

5. Entendemos o termo cintilância como um já dito, um já visto, que cintila em outras relações, outras maneiras de ser visto e dito. Elementos que se diferenciam de si a partir das composições com o presente.

cintilância seria, portanto, aquilo que é convidado a se tornar visível de maneira singular, conforme cada época e contexto.

Mas a forma como algo é visto ou dito em determinada época, suas recombinações, responde às regras e leis que compõem cada época. Como afirma Deleuze, aquilo que é visível não se refere à “maneira de ver de um sujeito”, pois “o próprio sujeito é um lugar na visibilidade, uma função derivada da visibilidade” (2006, p. 66). Portanto, a luz não está nas coisas nem no sujeito que vê, mas responde aos regimes de visibilidade de uma época.

Cada época, cada formação histórica se produz com enunciados e visibilidades, e assim “vê e faz ver tudo o que pode, em função de suas condições de visibilidade, assim como diz tudo que pode, em função de suas condições de enunciado” (DELEUZE, 2006, p. 68). As condições de sua emergência se espalham na superfície como formas de exterioridade, disseminando-se, de um lado, a partir dos enunciados e, de outro, a partir das visibilidades.

Nesta exterioridade, nada está oculto, embora não esteja visível de imediato. Ela é como uma cortina em que nada há para descobrir atrás, pois tudo está em sua superfície. Nesta superfície, há fios de cintilância que convidam nosso olhar, em detrimento de outros que permanecem foscas, ou ofuscados por ela. A cintilância, portanto, não é fixa: enquanto os fios cintilantes podem se tornar foscas, os foscas podem se tornar cintilantes.

Mas, se nada está oculto, o que quer dizer Deleuze (2006; 1992) com rachar as coisas para extrair delas suas visibilidades e rachar as palavras para extrair delas seus enunciados? Há, segundo Deleuze (2006) e Levy (2011), um ser-luz e um ser-linguagem que compõem a exterioridade, exterioridade esta que não diz respeito à consciência de um sujeito ou a algo que vem de sua interioridade.

Para Deleuze (2006, p. 68), o ser-luz seria

[...] um *a priori* que é o único capaz de trazer às visibilidades a visão e, ao mesmo tempo, os outros sentidos, a cada vez conforme combinações também visíveis: por exemplo, o tangível é uma maneira pela qual o visível esconde outro visível [...], as visibilidades não se definem pela visão, mas são complexos de ações e paixões, de ações e reações, de complexos multissensoriais que vêm à luz.

Os enunciados e visibilidades, como condições *a priori*, e sendo este *a priori* histórico, fazem emergir formas de comportamento e ideias que se espalham em

determinada formação histórica. E o que podemos aprender com eles? Que, como formações históricas, são verdades provisórias, e o que cada época oculta sem fazê-lo são outras possibilidades que se encontram na sombra, mas que, sim, são capazes de cintilar.

O ser-linguagem surge de um desaparecimento do sujeito, neste caso, conforme afirma Levy a partir de Foucault, que é atravessado também por Blanchot, “agora é a palavra quem fala, e não mais o sujeito” (LÉVY, 2011, p. 66). Surge também de uma ruptura com o modelo de representação clássico, em que a linguagem “funcionava como meio de conhecer as coisas” (LEVY, 2011, p. 67), como representação, significação das coisas.

O ser-linguagem não diz respeito a um autor ou interior ao qual se refere, nem a um exterior que representaria. Ele se instala na superfície das palavras, não fala do autor nem do exterior, fala de si próprio. A palavra produz os objetos dos quais fala.

Mas o que faz com que as cintilâncias se percam nas sombras, e o que faz com que elas retornem para outras combinações? O que faz com que algumas permaneçam e outras se esfumem? Pensamos, a partir de Deleuze (2006), que seriam as formas de exterioridade, determinadas por cada formação, que fazem cintilar o que antes estava na sombra, produzindo outra composição. Assim, a cintilância não depende do objeto visível em si, nem da pessoa que o está observando, mas sim do regime de luz que emana de uma formação histórica ainda por vir.

Aquilo que cintila não emana a luz de si, mas se produz a partir da luz que incide sobre ele. Não queremos estabelecer uma dualidade entre fosco e cintilante – afinal, habitamos uma superfície composta por ambos –, mas, como não damos conta de ver tudo que se passa nesta superfície, as coisas vão cintilando, se tornando visíveis, conforme nosso movimento. O fosco, ou o que não visualizamos, guarda possibilidades de cintilar com o nosso movimento, ou seja, os elementos foscos podem se tornar cintilantes e estes, por sua vez, podem se tornar foscos.

Os elementos que recolhemos de nossas vivências para pensar a pesquisa são entendidos como estas cintilâncias, como solicitações produzidas pelos conceitos que estamos estudando. Não pensamos estes elementos de nossas vivências tal qual foram vividos, nem como a origem ou causa das docentes que estamos, os pensamos desde suas recombinações, que se dão a partir do encontro com as solicitações presentes, a partir do seu vazio que é habitado a cada vez de maneira diferente.

DAS CINTILÂNCIAS RECOLHIDAS EM NOSSAS ANDARILHAGENS...

Apresentamos aqui algumas cintilâncias recolhidas/produzidas por nossas andarilhagens e alguns disparos provocados por elas em direção à docência.



Figura 2 - Fotografia de casa abandonada (São João do Polêsine – RS – Brasil), 2010.

Fonte: Acervo pessoal.

As fotografias de casas abandonadas aqui expostas são fruto de andarilhagens que, de início, eram subordinadas a pontos, um deles a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, Camobi - Santa Maria/RS), e outro o distrito rural de Caemborá (Nova Palma – RS), localizado aproximadamente a 80 km de Camobi. A recorrência de casas abandonadas neste trajeto chamou nossa atenção, e passamos a fotografá-las. As casas abandonadas provocavam a parada (para fotografá-las), e agiam como disparadores de incômodo e encantamento, tanto para andarilhagens que emergiam no meio deste caminho, em velocidades sem direção, quanto para paradas em locais específicos, provocadas por esta própria locomoção. São andarilhagens que, embora façam paradas, não se concluem, e vão disparando outras e outras possibilidades em conexões com o que encontram em meio à sua deriva.

Passamos a perceber que estas casas, apesar de terem uma estrutura fixa, eram habitadas por plantas que as modificavam a partir de sua superfície. Percebemos que o fixo não é tão fixo assim, e que modificações silenciosas aconteciam ali. Inúmeras plantas, fungos, proliferavam e se emaranhavam, habitavam o que antes tinha outra função.

Nosso pensamento ganhou velocidade. Estas casas nos provocaram a pensar em mundos que se criam e se desmancham em função de um tempo e um espaço determinados, em mundos que se atualizam, se tornam diferentes de si mesmos. As casas, ao não cumprirem com sua função primeira de abrigar pessoas, abriam espaço para que outras coisas as habitassem. Insinuavam, assim, a produção, o abandono e a reinvenção de mundos.



Figura 3 - Fotografia de detalhe de casa abandonada (Nova Palma – RS- Brasil), 1013.

Fonte: Acervo pessoal.

Como estar suficientemente pronto para a docência? Para algo que é habitado sempre de maneira diferente? Por outras pessoas, outras singularidades, outras paixões, outros afetos? Em que, a cada vez, a cada recombinação, outra docente em nós é solicitada, ou necessária?

Sentimo-nos prontos, geralmente, quando algo se fixou em nós, ou quando nós nos fixamos em algo, ou o consideramos como suficiente. Mas se tudo muda, e as situações que enfrentamos a cada vez são diferentes, de que vale a experiência anterior? Como podemos buscar, na docência anterior, o que a atual solicita? Como torná-la potência?

Podemos torná-la uma experiência atual problematizando-a, atualizando-a conforme as solicitações presentes, compondo com ela e com o que, a cada vez, se enleia em sua superfície. Não se trata, assim, de abandonar as vivências anteriores, mas de experienciar estas vivências enredadas na situação presente e aos afetos que emergem nela. É um constante produzir-se docente. Trata-se de experimentar os caminhos, a cada vez, em suas relações com a vegetação que, a cada corte que produzimos, se emaranha e avança novamente sobre eles.

Pensamos aqui a experiência não como algo que já foi, que se acumula (ou algo que se acumula e permanece como foi), mas como algo que acontece, que está sendo. Se ela é o passado que se atualiza e se prolonga no futuro, é também um presente que não cessa de escapar, tão rápido que não há tempo de verificar qual o melhor caminho para atender às necessidades que nela se encontram. Toda experiência vivida é apenas o disparador de uma outra direção, e não serve às vivências futuras como algo que vem dizer exatamente o que fazer, pois cada situação que a solicita é singular. Elas apenas servem para movimentar e não permitir que fiquemos em repouso por muito tempo em determinada docente que vestimos. Nesta perspectiva, não cabe buscar a experiência como acúmulo (intacto), pois, ao buscarmos a experiência vivida, ela já se tornou outra, uma vez que é outra a situação que a solicita e nós mesmos já não somos aqueles de antes.



Figura 4 - Fotografias da experimentação artística: Tentativa frustrada de cultivar transbordamentos
Fonte: Acervo pessoal

E, por falar em experiência que não se acumula (de maneira intacta)..., eis a experimentação artística *Tentativa frustrada de cultivar transbordamentos*. Para esta experimentação, coletamos uma porção de terra nas proximidades de algumas casas abandonadas e a colocamos em potes com casinhas de cerâmica (queimada), na expectativa de que ali nascessem plantas, por conta própria – como comumente acontece quando não as desejamos. Nesta experimentação, levamos a primeira lição do transbordamento: ele não suporta ser cultivado. No pote em que desejávamos que ocorresse o nascimento de plantas da própria terra, não aconteceu; num outro pote abandonado, no qual havíamos posto fora um fragmento da casinha, nasceu uma plantinha bem próxima a ele. Nesta experimentação, inaugurou-se, em seu próprio movimento, a problematização sobre aquilo que escapa ao que cultivamos. Já afirmava Miller, citado por Deleuze e Guattari (1995, p. 29-30):

[...] é talvez a erva daninha aquela que leva a vida mais sábia [...] A erva existe exclusivamente entre os espaços não cultivados. Ela preenche os vazios. Ela cresce entre, e no meio das outras coisas. A flor é bela, o repolho útil, a papoula enlouquece. Mas a erva é transbordamento.

Entretanto, sejamos prudentes e não pulemos simplesmente para o outro extremo. Não se trata, pois, de não planejarmos nada, não cultivarmos nada... Mas, sim, de estarmos à espreita daquilo que cresce em meio ao que havíamos planejado com tanto cuidado, do que escapa ao nosso controle, ao que estamos acostumados a esperar, ao já dado.

Em uma aula, por exemplo, é possível até planejar os elementos que dela participarão, podemos inclusive objetivar que uma experimentação ‘x’ aconteça, no entanto não temos controle sobre como o outro irá experimentar nossa aula, ou então, quais outros elementos será preciso acrescentar em razão das circunstâncias, ou ainda quais serão acrescentados pelos próprios estudantes a esta composição. O imprevisível está sempre a rondar o que planejam, podemos deixá-lo passar despercebido, podemos ignorá-lo, mas também podemos utilizá-lo como disparador para outras direções tão ou mais produtivas que as planejadas por nós.

PARA FINALIZAR... SOBRE O QUE ALMEJA NÃO SE ACABAR EM SI MESMO...

Experimentamos, como andarilhas na pesquisa, um espaço liso, onde o trajeto provocava paradas, e os ‘nadas’, os ‘vazios’ que permeavam a superfície que

habitamos cintilavam com o nosso movimento, nos disparavam em outras direções, nos violentavam forçando-nos a pensar outras possibilidades. Para além de preencher estes vazios que encontramos, intentamos uma possibilidade de habitá-los, tentando mantê-los em sua própria condição de espaço a ser habitado.

Como dar conta do emaranhado que se faz na superfície de uma pesquisa? cremos que não damos conta de tudo, e por isso mesmo é preciso recolher algumas coisas, perder outras, reencontrá-las novamente, em encontros totalmente diferentes... O movimento é necessário para que seja possível perder algumas coisas sem querer, e ver cintilar outras. O movimento é necessário para que ele próprio continue – mesmo nos momentos em que há paradas, é preciso manter um espaço nômade.

Trouxemos, em meio a esta escrita, uma narrativa sobre o andarilho Vitalino, imagens de uma experimentação artística, fotografias de casas abandonadas, uma poesia. Tencionamos falar com elas, a partir do que o encontro com estes elementos nos disparou a pensar e produzir na pesquisa, inclusive seu método, que não foi seguido, mas produzido no próprio caminhar. Desejamos que estes elementos, e inclusive nossa escrita sobre eles, continuem a agir como disparadores, como vazios a serem habitados, que escoem, vazem, transbordem em quem se deparar com eles. É assim que intentamos tornar os transbordamentos da pesquisa visíveis e ao mesmo tempo abertos, pegando-os naquilo que possuíam de vazio, nas pontas que permitiam outras conexões, e deixando este espaço (e quem sabe outros que não percebemos) para ser habitado por quem desejar. Precisamos, porém, deixar claro que isso não depende de nós: somente o leitor será capaz de garimpar nesta escrita o que para ele é apreendido como vazio, um nada prenhe de possibilidades, e que depende do encontro, do que é potencializado para cada um, e em cada caso, por este vazio.

Sobre a docência? Bem, acreditamos que ela também seja um vazio, apesar de tão preenchida de sobrecodificações. cremos que cada docente há de criar singularmente possibilidades de habitar, e ao mesmo tempo conservar, e, em último caso, cavar o seu vazio docência, para que ela não sufoque de tão cheia. Um vazio no qual possa ganhar velocidade, andarilhar, mesmo que sem se mover fisicamente. Um vazio em que seja possível sempre inventar-se docente.

Como fazer isso? Estando à espreita de espaços vazios, ou do que pode ser utilizado como ferramenta para cavar este vazio; do que serve como potência para habitá-lo e não preenchê-lo; do que abre possibilidades de vida e de encantamento

em meio ao que nos endurece. Há que se perceber também (estar à espreita) as ervas daninhas que insistem em crescer em meio ao que desejamos (ou nos ensinam a desejar), não para eliminá-las, mas para aprender com elas a transbordar aquilo que nos conforma, que nos acostuma a 'ser', e que endurece o nosso movimento de 'estar', de vir a ser.

REFERÊNCIAS

- BARROS, M. de. *O livro das ignorâncias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.
- CHEREM, R. M. Imagem – acontecimento. In: SILVA, M. C. da R. F.; MAKOWIECKY, S. (org.). *Linhas cruzadas: artes visuais em debate*. Florianópolis: Ed. da Udesc, 2009. p. 131-156.
- CORAZZA, S. M. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, M. V. (org.). *Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 103-127.
- DELEUZE, G. A vida como obra de arte. In: DELEUZE, G. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992. p. 118-126.
- _____. *Foucault*. Tradução Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. Trad. Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- _____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 5. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- LEVY, T. S. *A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- PAULON, S. M.; ROMAGNOLI, R. C. Pesquisa – intervenção e cartografia: melindres e meandros metodológicos. *Estudos e pesquisas em psicologia*, Rio de Janeiro, ano 10, n. 1, p. 85-102, 2010. Disponível em: <<http://www.revistsps.uerj.br/v10n1/artigos/pdf/v10n1ao7.pdf>>. Acesso em: 6 set. 2013.

SOBRE AS AUTORAS

FRANCIELI REGINA GARLET é mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma instituição.

E-mail: francieligarlet@yahoo.com.br.

MARILDA OLIVEIRA DE OLIVEIRA é doutora em História da Arte pela Universidad de Barcelona, Espanha, e professora associada do Departamento de Metodologia do Ensino do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

E-mail: marildaoliveira27@gmail.com.

Recebido em 29 de maio de 2014 e aprovado em 20 de agosto de 2014.